

O ADULTÉRIO NA FICÇÃO QUEIROSIANA: O PRIMO BASÍLIO

LEITE, Cyntia Priscila Alves Santos
priscilacyntia@bol.com.br

SANTOS, Edilde Vieira dos
edilde.santos@bol.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como tema o adultério no Primo Basílio (1878), de Eça de Queirós (1845–1900), escritor realista português. A análise concentra-se na personagem Luisa, protagonista do romance, buscando-se abordar fatores deterministas para o seu comportamento como a educação romântica, a ociosidade, as leituras românticas, a luxúria, sendo que a obra consta uma crítica mordaz à família burguesa lisboeta. Busca-se perceber dentro do contexto interior da obra pistas da concepção do autor frente à situação da mulher portuguesa do século XIX, confrontando as condições da construção das personagens com aspectos sócio-culturais e ideológicos da burguesia da época. Detemo-nos, também, na figura de Leopoldina e, principalmente, de Basílio; ambos representam companhias desencaminhadoras da moral social por serem personagens parcialmente ligadas à temática da sexualidade livre. O trabalho tem caráter qualitativo, e é considerado descritivo. Para tanto, lançou-se mão de uma pesquisa bibliográfica, que tem como referenciais teóricos, autores como Dantas, Duarte e outros, como Castro que analisa a crítica de Lopes Praça, contemporâneo de Eça de Queirós, referente às condições de vida das mulheres portuguesas da época. Além disso, também contribuiu para a construção deste trabalho, publicações encontradas na Internet.

PALAVRAS-CHAVES: Adultério, burguesia, educação romântica, Luisa, luxúria.

ABSTRACT: This work is founded upon the adultery of cousin Basílio (1878), by Eça de Queirós (1845-1900), a realist portuguese writer. Our study concentrates on Luisa, the main personage of the novel. We tried to understand inside this context facts which defined her way of life, as the romantic education, the idleness, the romantic literature and the luxury, that's why this book is classified as an important and strong criticism of the portuguese bourgeoisie. We tried to understand inside this context what he thought about the portuguese woman on the XIX century. Our research is important because we tried to find a link in a chain between the conditions of the personage's construction involved on adultery, with the social, cultural and ideologics aspects of the portuguese society on that century. In this article we either analized Leopoldina and Basílio, both of them represent people who go opposite the right way and good conduct, because they represent the free sexuality. This work has a qualitative character, and it's considered descriptive. To catch this point, we made bibliographical research, which have some teorics referenciais, some of them are: Dantas, Duarte and others like Castro, who analyzes Lopes Praça's criticism, contemporary of Eça de Queiroz in their thoughts about the conditions of the portuguese woman's life on that century. Adding to this, publications founded on internet were also important to the construction of this article.

KEYS – WORD: Adultery, bourgeoisie, romantic education, Luisa, luxury.

O ADULTÉRIO NA FICÇÃO QUEIROSIANA: O PRIMO BASÍLIO

Este artigo científico versa sobre o adultério em ‘O primo Basílio’, de Eça de Queirós (1845–1900), escritor realista português, e se pauta na hipótese de que o autor retrata a figura feminina no romance, com uma crítica aos modos de vida burgueses da sociedade portuguesa de sua época. Para tanto, Eça expõe, a partir de Luísa, sua protagonista, o adultério como um resultado final dos valores aos quais estavam submetidas às mulheres burguesas.

Por isso, vemos a figura de Luísa sendo posta como uma mulher sentimental, de espírito fraco, fútil, cuja educação teria sido fraca, visto que se pode observá-la como fruto de um romantismo fútil pelo qual era influenciada. Tudo isso corroboraria no adultério da personagem com seu primo, Basílio. Este, por sua vez, se coloca como aproveitador, seduzindo a senhorinha facilmente impressionável. Além disso, podemos salientar a descrição que o autor faz das demais personagens femininas, sempre dadas ao romantismo, à futilidade e ociosidade próprias da classe burguesa.

Nesse sentido, o trabalho problematiza a questão do adultério como sendo resultado de uma educação fraca (voltada ao sentimentalismo), que vai desencadear as diversas fraquezas morais da personagem Luísa. Corroborando com isso, uma das características do romance realista: o determinismo social. Além disso, coloca-se em pauta, também, a hipótese de um comportamento movido pela luxúria o qual cruzamos como aspecto negativo da natureza humana.

Dentro dessa abordagem, o presente trabalho se propõe a observar as críticas queirosianas à sociedade portuguesa do século XIX, especificando-as à figura feminina; constatar as características dessa mulher burguesa, dentro do perfil de Luísa, bem como no de outras figuras citadas ao longo do enredo; salientar como o autor constrói suas personagens, demarcando-as com traços dos valores sociais, culturais e ideológicas da sociedade lisboeta.

O trabalho apresenta um panorama do romance, em seguida adentra as questões referentes ao adultério de Luísa com Basílio, analisando o perfil feminino na ficção de Queirós, especificamente o perfil de Luísa, e considerando a personagem Basílio como fator preponderante no desencadear da narrativa. Tem, portanto, o primeiro tópico: O adultério no romance “O Primo Basílio”; a seguir: A romântica e pecadora Luísa; e, por fim, a Conclusão.

O adultério no romance “O Primo Basílio”

Em ‘O Primo Basílio’, romance realista de Eça de Queirós, publicado em 1878, propõe-se uma reflexão sobre o tema do adultério na família da classe média portuguesa. A mulher é especialmente focada porque é vista como ser frágil em virtude das condições impostas para ela na época e, por outro lado, pela própria natureza.

O autor relata ironicamente a história de Luisa, uma fútil senhora, que se envolve em adultério com o seu primo, Basílio, enquanto seu marido se acha ausente em uma viagem de negócios. Tornando-se alvo das chantagens da criada Juliana que se apossa de cartas amorosas da patroa e, ainda, sendo abandonada pelo amante, é constantemente afligida com o medo de ser denunciada e com as humilhações que passa na própria casa. Adoece e acaba morrendo ao passo que Basílio segue seu caminho de sedutor incorrigível.

Ao criar Luisa, assim como toda a sociedade que se achava em torno dela, Eça de Queirós ambicionava criticar a classe média lisboeta como explica em carta a Teófilo Braga:

eu não ataco a família - ataco a família lisboeta – a família lisboeta produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e mais tarde ou mais cedo centro de bambochata. Em O Primo Basílio que apresenta, sobretudo, um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem bem conhece a burguesia de Lisboa. (QUEIRÓS, 1971, p. 320)

Um fato interessante é notar a extensão do problema da traição conjugal dada pelo autor em ‘O Primo Basílio’. O adultério de Luisa não é apontado como o único no romance. O narrador expõe, primeiramente, Eufrásia que traia o marido com Jorge, em seu tempo de solteiro; também a Leopoldina cujo excesso já havia tornado-se um vício, rendendo-lhe o apelido ‘a pão e queijo’; Camila, já mãe e que até expunha as ‘fecundidades adúlteras’ com satisfação; ainda pelas conversas de Leopoldina com Luisa podemos perceber que o ato era, na realidade, um fato muito comum entre muitas lisboetas.

Segundo Cassol (2006, p. 41), “O Primo Basílio representa um fato social analisado sob o crivo da convicção científica que acaba por demonstrar a “tremenda tendência mórbida de uma época” (...). Corroborando para isso valores científicos como a objetividade, a fidelidade ao ‘fato’ e valorização de fatores deterministas para a compreensão do comportamento humano. Os autores realistas se destacam porque observavam a sociedade e construía suas personagens parecidas com pessoas comuns da vida, excluindo as virtudes e salientando os defeitos, aproximando-as assim da caricatura. O resultado era o retrato da época com a generalização de um mal social, inclusive, acobertado por uma falsa moral que se vale pelo valor da aparência.

A fixação de Eça pelo tema do adultério condiz perfeitamente com a sua ligação aos preceitos anárquicos da escola realista que intencionou, principalmente, atacar o casamento, que outrora fora tão defendido pelo romantismo, já que se estruturava nos moldes dos ideais burgueses: convenção social, luxúria e conforto material; valores que tão bem alicerçados nos indivíduos, acabavam por enfraquecer a estrutura da família que era alvo de ruína moral (Cf. MOISÉS, 2005).

O adultério era, na realidade, tornado um ‘lugar-comum elegante’ para a sociedade burguesa que procurava imitar a elegância dos hábitos da nobreza aristocrática. Vê-se isso no romance através de uma tendência da protagonista em querer ser chique ao passo que seu amante Basílio a seduz, inclusive, contando histórias de adultérios praticados por

finíssimas mulheres francesas. Era acomodável e oportuno porque “a família é muito forte na classe burguesa, porque é o lugar de concentração do capital: assim, é preferível uma moral dupla que o rompimento do casamento” (MURARO E BOFF, IN: CASSOL, 2006, p. 42).

Ao se fixar em aspectos negativos dentro do contexto social, cuja corrupção atinge tanto ao homem como à mulher, indistintamente, o autor, de certa forma, esboça um panorama social apontando paralelamente esses dois seres especificamente diferentes e que se atraem; Contudo, sabe-se que nos romances de Eça a mulher, sendo alvo das investidas românticas do sexo masculino, é sempre a vítima, o ser mais fraco, fato que se pode justificar através da posição subalterna que exerce frente ao homem. Porém, não existe antagonismo entre eles, mesmo por causa de sua inconsciência e da sentimentalidade leviana com que está acobertada.

No romance realista é tradicional tomar como tema o adultério feminino; a mulher passa assim a ser símbolo de inconsistência e exploração sexual; acaba por pagar pelos crimes e pecados que porventura comete, em cumplicidade com o homem; vindo o castigo como um resultado inevitável das condições nefastas e psicológicas das personagens, a exemplo de Ema Bovary que se mata, do romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert (1875); e da própria Luisa cujos sofrimentos são tão intensos no *Primo Basílio*.

A romântica e pecadora Luísa

A protagonista do *Primo Basílio* foi alvo, sobretudo, da *Crítica* de Machado de Assis (1878) que tacha o adultério como um ‘incidente erótico’, sem qualquer outra causa que não esteja supostamente ligada à ‘vocaçãõ sensual’ das personagens envolvidas na ação, algo que o autor relacionava à ‘fatalidade das obras do Sr: Eça de Queirós’. Quanto a Luisa “é um

caráter negativo (...) não lhe peçam paixões (...) resvala no lodo, sem vontade, sem repulsa, sem consciência (...) não tem remorsos, tem medo.” (ASSIS, 1878, p. 2-5).

Em um estudo recente sobre o público e o privado nas obras do autor, Cassol analisa que “A protagonista [do Primo Basílio] é ‘levada’ ao adultério por ser fruto de uma falsa educação (...) com uma cultura sentimental romântica e com a ociosidade da burguesia da ‘baixa’.” (CASSOL, 2006, p. 44).

Ainda de acordo com Cassol (idem), a circulação de Luisa na obra é definida como crítica de Eça à “alienação espiritual da mulher burguesa”, na medida em que ela passa a representar uma parcela da sociedade romântica, já que não tem personalidade definida ou consciência de si mesmo, envolvimento crítico.

As idéias em torno do adultério de Luisa ligadas a ‘fatores de índole social’ são ampliadas por Maria Saraiva de Jesus:

A descuidada educação da mulher, mal formada por leituras ultra-românticas de efeitos deletérios; as frágeis bases da instituição do matrimônio; a ociosidade que lhe proporcionava a vida caseira no lar burguês e o tédio daí decorrente; as influências de um meio social monótono, corrupto e hipócrita, incapaz de proporcionar à mulher meios de ocupação útil e, por outro lado, repleto de costumes dissolutos e de referências ultra-românticas propícias ao exacerbamento da imaginação e da sensualidade, num caráter fraco como o de Luisa (JESUS, 1998, p.150)

A contaminação das personagens pelo meio, a raça e o momento é uma das características fundamentais do Realismo. No Primo Basílio isso fica evidente quando consideramos suas personagens carregadas de vícios, deformidades secretas, valores que se deixam transparecer somente através de circunstâncias que as condiciona e as limita. Quando nos pomos a analisar a figura de Luisa vemos como as circunstâncias moldaram o caráter dela e acomodaram-na a experiência do adultério.

Em O Primo Basílio, notamos o aspecto de um lar aparentemente feliz, equilibrado. O lar de Jorge e Luisa. Jorge fazia o tipo de marido ideal. Embora tivesse casado “um bocado no ar” (conheceu Luisa num verão e no inverno casaram-se) como observou o

Sebastião, amigo íntimo, achava-se “bem casado e com a carne contente” como diria Julião, parente distante. Enfim a Luisa saíra ‘muito boa dona de casa’, sendo dada ao aconchego doméstico e sexual do marido, expresso pelo narrador da seguinte forma: “como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho” (QUEIRÓS, 1997, p. 14). Luisa era vista como senhora de bem: esposa ideal e comportada, no sentido público, aos valores superficiais para a mulher portuguesa do século XIX cujo papel social era relacionado ao esposo, ao lar e aos filhos. De modo que sem ter filhos era elogiada como ‘verdadeira mãe de família’.

Na realidade casar era o que se esperava de um tipo como Jorge, ‘caseiro’, ‘proseirão’, ‘burguês’, ou como Luisa. Podemos dizer que o perfil de Jorge era compatível aos caracteres psicológicos, à situação e aos interesses de Luisa, que condiziam particularmente com a tradição cultural e educativa da sociedade do século XIX.

Segundo Cassol (2006, p. 48), a mulher era educada exclusivamente para o casamento pela instituição colegial e familiar, portanto era a “única opção de vida para a mulher da época”; isso era evidente particularmente em Portugal, fato que se justifica com o atraso econômico, cultural e político do período que para os realistas ligava-se a mentalidade romântica, pois que o romantismo fugia aos problemas reais sociais.

Luisa recebera uma educação semelhante, reforçada pelas leituras ultraromânticas que fazia desde a adolescência, de modo que, após o seu frustrado namoro com o primo Basílio, seu casamento com Jorge, mesmo sem amor, representou para a mãe um alívio e assim também para a filha que refletia: “Que alegria, que descanso para a mamã” (QUEIRÓS, 1997, p. 22).

A situação psicológica da personagem, condicionada pela ideologia cultural dominante para a educação das jovens, que as fazia encararem o casamento como conveniente, bem se reflete ainda na própria Luisa, na seguinte: “E sem o amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência, e uma quebreira, uma vontade de adormecer

encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável, sem receio de nada.” (QUEIRÓS, 1997, p. 22).

É precisamente dessa situação de dependência psicológica apoiada nas condições limitadas em que vive que olha para o marido com muito orgulho, pois se realiza nele, de modo que o percebe como “o seu tudo, _ a sua força, o seu fim, o seu destino, a sua religião, o seu homem”. (QUEIRÓS, 1997, p. 23). Que lhe aconteceria vindo esse ausentar-se? Pois “não podia estar só”, devendo sempre sentir-se sob o ‘olhar masculino’. É justamente essa uma das questões que vai ser colocada em pauta pelo escritor, sendo a ocasião oportuna para questionar a eficácia da educação burguesa dada a mulher. Sabe-se, também, que a visão do autor sobre a situação da mulher além de incluir causas históricas abrangia a idéia de “um ser carregado de atributos naturais irremediavelmente negativos” (DANTAS, 1999, p. 39), de acordo com os estudos científicos da época.

Por isso ao retratar as características da mulher burguesa em Luisa, abordadas pelo escritor Francisco Dantas, “Eça mostrará que, além de não discernir, ela também é impressionável, passiva, inconsistente, fraca e amoldável, enfim, um verdadeiro *fantoché*” (DANTAS, 1999, p. 91); ou seja, uma candidata ao adultério e à fatalidade do destino (mesmo que inconsciente), esperando somente as circunstâncias favoráveis que não pode contrariar, absolutamente.

Sabe-se que a personagem é de uma ociosidade que lhe dá tédio: convivência monótona, ‘vida estreita’; embora não seja rica desfruta de boa condição social, o que a deixa livre para as suas costumeiras leituras românticas: “Tinha-se aborrecido muito; estivera todo o santo dia a ler.” (QUEIRÓS, 1997, p. 93). Logo no início o narrador nos informa que ela “lia muitos romances” e “tinha uma assinatura na baixa ao mês”. (idem, p. 18). Entre os autores de sua área de interesse citam-se: Walter Scott, um dos autores românticos que mais prejudicou a juventude do século XIX; Alexandre Dumas, Octave Feuillet e ainda Paul Féval. É ainda revelada a sua paixão por D’Artagnar na adolescência.

Essa preocupação de Eça em detalhar o gênero literário, os autores que ocupam os ócios de Luisa e, ainda, a sua paixão pelo fascinante herói da ficção romântica, faz com que a leitura desempenhe papel fundamental na composição da personagem. Inicia-se, assim, a desvelação de um caráter romanesco, dado às emoções românticas, bem como ao distanciamento crítico, que ao longo da narrativa vai se abrindo ao leitor menos perspicaz: “E foi com duas lágrimas a tremer-lhes nas pálpebras que acabou as páginas da Dama das Camélias.” (idem).

Convém informar que foi durante o século XIX que os gabinetes de leitura repercutiram mais, num público que buscava, sobretudo, no ato de ler, um meio de recreação. Entre os autores mais lidos registra-se especialmente àqueles de ficção romântica francesa, então na moda como Paul Féval, Alexandre Dumas, Terrail e outros. Essas informações foram anteriormente expostas por Duarte (1997, p. 349), que contempla a análise de Fernando Guedes sobre catálogos de diversos gabinetes de leitura da época. Conforme a autora, somente o título bastaria para despertar o interesse do leitor e ‘garantir’ o sucesso ao livreiro. Isso estaria relacionado à ausência do nome do autor na organização da maioria das obras inscritas. Verificamos que o autor não passa despercebido por esses fatos, de modo que identifica a personagem como uma das leitoras da época; que para o processo de aluguel das obras, geralmente, não faz nenhuma requisição a mais além da indicação do gênero romance. (Cf. QUEIRÓS, 1997).

Essa postura de Eça a respeito de Luisa seria justificada, ainda, nas falas insistentes do autor, no texto das Farpas, intitulado ‘As Meninas da Nova Geração em Lisboa e a Educação Contemporânea’ onde ele lamenta a realidade cultural feminina pela falta da mesma por “um interesse intelectual (...) _e, ao mesmo tempo, insurgindo-se contra as leituras de Ponson du Terrail ou Dumas Filho e o seu bando de analistas lascivos”. (ANAIS do III Encontro Internacional de Queirosianos; IN: cit. A Inscrição da Leitura na Ficção Queirosiana, DUARTE, 1997, p. 354).

A influência romântica é sentida em seu lar ainda quando, costumeiramente, ouvia, tocava ou cantava, ao som do piano, canções sentimentalistas a exemplo da Traviata de Verdi (1853), da Malaguenha (música espanhola da província de Málaga) e da Medjé de Gounod (1859) com propensão à tristeza, à saudade, à imaginação e à sensualidade.

Na realidade em toda a sociedade lisboeta figurada por Eça evidencia-se o prestígio da cultura romântica, de modo que seria impossível a uma personagem sonhadora como Luisa fugir a influência (ou aparência) do seu meio. Entretanto, o autor retrata uma sociedade dualista, na qual se percebe valores que se contradizem; enquanto a sociedade prestigia a cultura romântica (que apela para os valores da alma, reconhecidos como verdadeiros), ao mesmo tempo, encontram-se nesta mesma sociedade elementos dominantes que se corrompem, um assunto que não podemos dar amplitude neste trabalho.

As considerações sobre a protagonista confirmam a mundividência do mundo romântico em que ela vivia em instância psicológica e cultural, pela circulação das obras, e ideológico porque a sociedade fantasiava o casamento ‘sem amor’, ou a relação homem/mulher, apenas por interesses egoístas.

Algumas considerações são feitas sobre as leituras de Luisa. Duarte (1997, p. 353) refletindo sobre a funcionalidade das leituras da personagem diz que “é a partir dos romances que Luisa constrói uma imagem idealizada da realidade” que ela transporta para a Malaguenha tocada por Sebastião na véspera da viagem de Jorge para Alentejo: “ao largo dorme uma andaluza de romance e de zarzuela, quente e sensual, onde tudo são braços que se abrem para o amor.” (QUEIRÓS, 1997, p. 55). Na passagem verifica-se a capacidade ótica psicológica de Luisa de associar o amor à sensualidade. Mas a que tipo de amor se refere o escritor (ou Luisa fantasia)?

O fato é que Eça de Queirós nos faz supor a influência dos romances sobre o imaginário da leitora de modo que, conforme Belline (1997, p. 522):

Essa identificação de Luisa com a ficção romântica levando-a à incapacidade de separar a fantasia da realidade, é uma das causas do adultério na medida em que Basílio se aproveita dos sonhos da prima no processo de sedução [excitando-lhe] o desejo de conhecer os lugares descritos nos romances a Escócia, e sobretudo, Paris (...) [e os interesses por] histórias amorosas com constantes alusões a adultérios_ e moda.

Ainda segundo a autora, os sonhos da personagem com “aventuras amorosas e com viagens consistem em projeções das frustrações decorrentes da ausência de liberdade”, (idem). Não estranhamos que sendo Luisa já tentada pelas seduções do primo tenha sentimentos como o de infelicidade e de “uma indefinida indignação contra Jorge, contra Basílio, contra os sentimentos, contra os deveres, (...) tudo que a fazia (...) sofrer.” (QUEIRÓS, 1997, p. 120).

Mas com qual desejo de liberdade sonhava Luisa? Conforme a leitora, é o daquela “existência mais poética, mais própria para os episódios do sentimento” (op.cit, 1997, p. 70), a qual ela associou ao Basílio, constantemente comparando-o ao seu marido; e por mais que buscasse qualidades em Jorge, que tinha ‘tudo para fazer uma mulher feliz’, acabava involuntariamente sendo atraída para Basílio. Ficou fascinada com a pessoa do primo (a aparência), sua elegância, hábitos, seus caros presentes, suas histórias, declarações ultraromânticas; sem se dar conta que ele não passava de um “maroto irresponsável que o que queria era o amor grátis” (idem, p. 320), fato verossímil com a vida real. De modo que, conforme Dantas (1999, p. 97), “Luisa assimila rapidamente as suas lições, e vai adotando dele, primeiro, o “chique”; depois, a vaidade superior; e, por último a moral”.

Sobre a influência de Leopoldina em Luisa é de molde a trocar confidências. As conversações das amigas giram em torno dos maridos, ou dos amantes, de versos e obras românticas, de moda, fofocas, aspirações românticas. Essa concepção do autor frente à mulher estaria ligada também à exclusão dela na vida pública conforme àquele mesmo panfleto das Farpas onde retrata a situação da classe feminina em Portugal, especificamente da classe média burguesa:

Em Portugal, as mulheres, excluídas da vida pública, (...), de quase tudo pelos hábitos e pelas leis, ficam apenas de posse de um pequeno mundo, seu elemento natural _ a família e a toalete. Daqui provém que as senhoras reunidas, conversando, giram _como borboletas (...) _em volta destes dois supremos assuntos: vestidos e namoros. (ANAIS do III E.I.Q. IN: cit. Leituras de Luisa, BELLINE, 1997, p.522).

Ambas as mulheres revelam natural sentimentalismo; há, porém, em Leopoldina uma tendência mais crítica em relação à realidade que, obstante, não a livrou de ir de amante em amante. É ‘a pão e queijo’, como é chamada em Lisboa. Para Duarte, já citada, a aparição da personagem na ação serve de opção à protagonista aos romances que lhe ocupam; “mas não é Leopoldina, afinal, a tradução grosseira mais próxima das aventuras picantes que as novelas lhe oferecem?” (ibidem, p. 352). Como Eça apresenta Luisa como uma leitora passiva e entediada justamente na ausência do marido e que apreciando a companhia da amiga, pode-se indagar o seguinte questionamento: até que ponto Leopoldina influencia a personagem? Não seria a ponto de promover-lhe o excitamento da sua imaginação?

O adultério de Luisa é da ordem da tentação. Recordamos o momento em que ela, tomada de sensações, imagina o encontro da amiga com o seu amante, momentos antes de sua queda, a saudade de Basílio, ou de Jorge, e logo após vai perdendo os sentidos nos braços do primo (QUEIRÓS, 1997, p. 173-174). Isso equivale a retornar a questão sobre a ‘vocaçãõ sensual’ das personagens da ação, mencionada por Machado de Assis. De acordo com Luzes (1997, p. 483):

Luisa (...) é uma mulher ao mesmo tempo superficial e animal. O amor que a liga a Jorge, depois a Basílio é leviano, apenas feito de apetites e de sensações. Isto é bem patente nas primeiras páginas do primeiro capítulo, onde Eça no-la mostra rendida ao calor (sexo) e à languidez das suas sensações.

Sob perspectiva ainda maior o narrador apresenta Basílio que logo após o reencontro com a prima pensa: “está de apetite, está muito melhor!” (QUEIRÓS, 1997, p. 68) e põe-se a desenhar-lhes as formas físicas, ‘querendo-a adivinhar’. Encarregar-se-á de ensinar-lhe ‘a nova sensação’, que se traduzirá ao nível do Paraíso, lugar dos encontros

secretos dos amantes, ironicamente batizado por ele, e por Eça de Queirós. Tudo, entretanto, aponta para a futura desilusão da personagem que pensa estar vivendo um grande amor, contudo vive apenas um vulgar caso de adultério, refletido sobre as condições do Paraíso e do sedutor.

Eça de Queirós nos deixa entender que Luisa tinha relações sexuais prazerosas com o marido, mas sem as novidades que ela experimentaria, somente, por ocasião do seu envolvimento sexual com o primo. Não é de admirar aquele rubor que lhe subiu às faces quando saiu do seu delírio com Basílio que lhe “ensinara uma sensação nova: tinha-a na mão” (QUEIRÓS, 1997, p. 228). Com efeito, foi durante essa passagem que o autor faz a mais ousada sugestão obscena, que foi antecedida por um apetitoso lanchezinho fresco _ como que associando a aproximação entre gula e sexo, atividades que sugerem uma explosão do desejo carnal. Sabemos que O Primo Basílio é apontado como romance realista/naturalista. A exploração do erotismo por Eça de Queirós, porém, não é tão profundo como no romance puramente naturalista, que é tachado por alguns de pornográfico por apresentar descrições minuciosas de atos sexuais.

Nas condições em que Luisa chega, é possível entrever uma crítica a situação da mulher no século XIX, já que estava distanciada de raciocínio crítico, e caminhava sem consciência própria, sendo dada às carícias e à paixão, passa a ser facilmente um objeto sexual do macho, principalmente de um tipo cínico como Basílio; de modo que o narrador nos informa que o primo “usava dela como se a apagasse!” (QUEIRÓS, 1997, p. 211), a fim de designar a influência moral e psicológica que o primo tem sobre ela, a ponto de olhar para os outros até mesmo com certo desdém.

O amor tratado por Eça de Queirós interessou-o enquanto desejo; isso é bem evidente no caso dos amantes, cujo romance já se esgotava em apenas cinco semanas, a ponto de Luisa questionar-se: “Onde estava o defeito?”, (QUEIRÓS, 1997, p. 223), refletindo sobre a efemeridade do amor (desejo), “onde só os começos são bons” (idem). Tinha já concluído

que não passara de uma de distração para Basílio. Mesmo ela, imaginando ‘circunstâncias’, ‘casos’:

Pasmou ao ver o seu coração vazio (...) O que levava ela para ele então? (...) Nem ela sabia; não ter nada que fazer; a curiosidade romanesca e mórbida de ter um amante; mil vaidadezinhas inflamadas, um certo desejo físico (...). E sentira-a, porventura, essa felicidade que dão os amores ilegítimos, de que tanto se fala nos romances, e nas óperas, que faz esquecer tudo na vida, afrontar a morte, quase fazê-la amar ? Nunca. Todo o prazer que sentira ao princípio, que lhe parecera amor _ vinha da novidade, do saborzinho delicioso de comer a maçã proibida, das condições do mistério do Paraíso, de outras circunstâncias talvez, que nem queria confessar a si mesma, que a faziam corar por dentro! (QUEIRÓS, 1997, p. 222)

Neste artigo consideramos a menção da ‘maçã proibida’ que como uma ‘novidade’ excitava o desejo em Luisa. A maçã figurativiza o sexo fora do casamento, que é ilegal, e, portanto um crime, conforme as leis de direitos conjugais, que são universais e que transcendem épocas. Para a sociedade conservadora da época, bem como para a igreja, o adultério representa um pecado. Relacionando a malícia da personagem, denunciada na passagem, à menção da figura trazida à mente de Luisa, que denuncia certo discurso ideológico religioso (embora ela não costumasse freqüentar a igreja), relembramos, assim o sermão eclesiástico sobre o pecado endêmico original. Associando o seu estado natural/espiritual, figurado, à relação com o primeiro casal de transgressores da lei de Deus no paraíso do Éden, Luisa, portanto, seria uma pecadora em potencial, e impotente diante das seduções do primo.

É evidente que o adultério de Luisa se opõe a um estado de pureza que representava antes, no sentido público, vindo a atestar a real condição de seu caráter, cujas fraquezas se achavam ocultas ou veladas, esperando circunstâncias favoráveis para serem desencadeadas. Além disso, o amor à luxúria é uma das características de Luisa, bem como de Leopoldina e Basílio, sendo leviana e dada à paixão e sensações: “Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar; seria verdade então o que dizia Leopoldina, que “não havia como uma maldadezinha para fazer a gente

bonita?” Tinha uma amante, ela! ” (QUEIRÓS, 1997, p. 179). O exposto firma-se na personagem a partir de uma tendência sempre freqüente ao narcisismo, a vaidade, e ‘consolações do luxo’.

Aparentemente Eça esboça uma luta de classes no Primo Basílio (Juliana x Luisa, representando respectivamente a classe baixa x classe média); refletindo, porém, sobre os destinos das personagens femininas (ambas morrem diante de uma situação frustrante e decepcionante que não podem mudar ou suportar, cada uma com os seus motivos), pensamos (muito embora elas apareçam em lados opostos e condições sociais, econômicas e particulares diferentes) que a pretensão principal do autor era refletir sobre a condição (psicológica, natural, social) inferior da classe feminina de sua época. Acentua-se o exposto através da evidência de que a criada era movida por um mesquinho e pessoal sentimento de ódio e inveja, racionalizado no seu passado e condição frustrante, contra todas as patroas, por isso não representa meramente os interesses da classe a qual pertence, de acordo com MOISÉS (1928).

O envolvimento da criada Juliana, no caso, “em revolta secreta contra a sua condição, ávida de desforra” (QUEIRÓS, 1997, p. 320) _representou um fim definitivo para a felicidade clandestina dos amantes; e o despertar da personagem em relação ao valor público, que poderia torná-la vítima no encontro com a inteiração de Jorge sobre os fatos, conforme raciocinou Luisa: “se ele sabe, mata-me” (QUEIRÓS, 1997, p. 255).

Na realidade, o adultério tratado por Queirós no Primo Basílio ficou restrito ao ambiente doméstico; de modo que, apenas, sabem dos fatos, na íntegra, Sebastião que procurou por todos os meios possíveis livrá-la da maliciosa vizinhança; Jorge, não muito tempo antes da morte da esposa; e a tia Vitória, a inculcadeira, amiga de Juliana, que a auxiliou nos seus planos e que desaparece do mapa narrativo pouco após a morte da criada.

O fato é que Luisa, já não estando tão satisfeita com o amor de Basílio, mesmo desfrutando os prazeres da carne no Paraíso, através de Juliana, acaba por decepcionar-se

completamente com o amante. Com a descoberta do adultério, Luisa consola-se na ilusão de partir, feliz e em segurança, para Paris, viver nos confortos do luxo; mas é, porventura, Basílio quem lhe afirmará, ironicamente, a irreconciliação entre a realidade e a fantasia: “fugir é bom nos romances” (QUEIRÓS, 1997, p. 253), porque, afinal, “ficaria desacreditada para a vida toda” (idem) e correndo o risco de ir parar no Limoeiro (prisão pública de Lisboa). Seria então mais vantajoso, sobretudo para ele, permanecer em casa, pagar à criada algumas libras, e continuar “sossegada e respeitada como dantes_ somente mais acautelada” (idem). Tal raciocínio de Basílio reafirma a denúncia da hipócrita ética burguesa que acabava alimentando vidas duplas, onde o casamento era visto como coluna de segurança sócio-econômica, e respeitabilidade dos indivíduos, enquanto o adultério serviria para os delírios da paixão, que a ironia de Eça de Queirós não deixa escapar: “as revelações do vício davam-lhe um delírio tão adorável” (QUEIRÓS, 1997, p. 258).

Pode-se entender o medo excessivo de Luisa como uma reação neurótica particular vinculada a consciência da condição social precária da mulher portuguesa frente à formação ideológica da família burguesa, pela qual a mulher era considerada propriedade do homem e assim o adultério feminino seria um ultraje à honra masculina que era defendida como “princípio de família” (QUEIRÓS, 1997, p. 46). Assim, também, a morte da adúltera, defendida e exigida por Jorge, na peça dramática de Ernestinho (embora saibamos que a protagonista da peça acaba tendo um fim melhor (ficção no interior do romance) do que a própria Luisa (sentido real no interior do romance), destinos, ambos, criados por Eça de Queirós), seria uma sugestão do autor do caráter patriarcal, menos tolerante, discriminatório e desigual das leis portuguesas e da sociedade frente ao adultério feminino.

Considerações sobre a situação da mulher portuguesa foram tomadas por Helena de Fátima Gonçalves de Castro (2000) em sua tese de Mestrado onde ela analisa o pensamento de Lopes Praça (1844-1920) frente à condição da mulher de sua época, “seja ela da nobreza, da burguesia ou das classes mais pobres” (CASTRO, 2000, p. 45).

De acordo com a autora, o intelectual analisa vários domínios da vida feminina nos quais se confere o sentido de uma educação romântica e excludente que era dada à mulher da época (Cf. CASTRO, 2000). Assim, especialmente, no estudo das leis portuguesas é possível constatar a desigualdade de condições civis e, portanto, sociais entre o homem e a mulher. Por exemplo, embora fosse pela lei proibida a traição conjugal (com punição: a prisão), era mais tolerada para o homem; a mulher, no entanto, sofreria todo o desdém da sociedade. Ainda mais na leitura do Código Civil Português (1867), e do Código Penal, constata-se de tal forma o poder do marido sobre a mulher dando a ele, inclusive, o direito de maltratar a esposa e se a apanhasse em adultério poderia matá-la, e ao co-réu, não incorrendo senão em pena leve: desterro fora da comarca por seis meses. Enquanto para a constatação da traição do homem se pedia provas concretas como cartas, para a da mulher bastava a suspeita; uma situação que abria portas para a justificação da violência familiar. De fato somente o adultério do homem cometido na ‘casa conjugal’ era contemplado pela lei, de modo que fora de casa, significava que era consentido socialmente. De acordo com Castro:

É impressionante ver como, de fato, a lei protegia o adultério dos homens e punia com maior severidade o adultério das mulheres, justificando a violência masculina, ainda que sob suspeita e garantindo a impunidade masculina mediante certas condições, principalmente se o homem conseguisse manter a sua relação adúltera com uma certa habilidade, em segredo. (CASTRO, 2000, p. 67)

A falsa ética burguesa subentendida em Basílio, e que ao final passa a funcionar como princípio de destinação do romance de Eça, implica em proteger a aparência da dignidade da família de bem ou do homem (já que é considerado cabeça no lar). Com efeito, após a descoberta do adultério acontece: a partida de Basílio, a chegada de Jorge, a morte de Juliana, a grave doença de Luisa, a descoberta do adultério por Jorge, a morte de Luisa, e tudo fica em família.

Luisa é apontada na crítica literária como a maior pecadora na ficção queirosiana. Percebe-se, também, através de um desempenho que foi alvo de uma neutralização da

consciência, ou negligência passional da culpa, pois também seu sofrimento deriva de todo o medo que sente de ser denunciada. Ela simplesmente justifica o seu comportamento através da carência emocional, o “calor da hora”, uma “pontinha de vinho” e ausência do marido.

Basílio partiu para Paris, conforme precipitou a crise provocada por Juliana, abandonando a amante a mercê da criada. A vida de Luisa torna-se insuportável: humilhações, trabalhos, canseiras e o temor constante de ser denunciada; além disso, sofre com pesadelos; acontece que nem mesmo com a morte da rival ela se safava; é acometida por uma freqüente febre nervosa e, apesar de apresentar fortes indícios de superação com os ternos e insistentes cuidados de Jorge, esse acaba por ser o responsável pela sua recaída ao pedir-lhe explicações da sua traição, como numa anunciação da inevitável morte da esposa. Trágico é que nem mesmo o perdão de Jorge (que se sente culpado) a salva, e baixa ao túmulo, conformada, sem receber, sequer, os sacramentos que em vida recebera Amélia, a beata que se envolveu em caso de luxúria com o padre de Leiria e que morreu em parto (Crime do Padre Amaro, 1875, romance de Eça de Queirós).

Tal é o adultério tratado por Eça de Queirós. Tal é a mulher de bem no século XIX vista pelo autor, em sua fragilidade, moral, física psicológica inserida num meio corrupto, ao mesmo tempo hipócrita que Eça intencionou atacar com o seu realismo franco e impiedoso.

Contudo o romance não termina com a morte de Luisa, mas com a revelação completa do caráter de Basílio (bem como da crítica de Eça) ante o destino da amante: “_Que ferro, podia ter trazido a Alfonsine” (QUEIRÓS, 1997, p. 446). Basílio é o sedutor de Luisa no crime ou pecado do adultério. Eça, porém, o torna impune e intocável no desfecho final da ação: enquanto Luisa acha-se morta e enterrada, ele lamenta apenas estar sem amante, numa clara demonstração de irresponsabilidade; e de que após sofrimentos e perdas a vida continuava a mesma porque as pessoas não mudavam. Tal pode dizer-se, também, de

Leopoldina que “dançava numa soirée da Cunha” (QUEIRÓS, 1997, p. 443) enquanto o vento frio fazia “ramalhar tristemente uma árvore por cima da sepultura de Luisa” (idem).

Conclusão

Concluimos que Eça de Queirós, ao criar O Primo Basílio, queria mostrar o adultério como algo comum em Lisboa, o que denunciava o fracasso do casamento peninsular e de valores superficiais que sustentava a sociedade portuguesa da época. Assim, também, na performance de Luisa desdobra-se uma natureza que funciona como signo da mulher romântica em Portugal no século XIX, revelando uma tendência da classe feminina burguesa.

O adultério de Luisa, também, denuncia a própria existência da corrupção e engano na sociedade; observamos que o autor, apropriando-se de questões relativas à mulher portuguesa da época, buscou desmistificar idéias corrosivas com as quais a sociedade sobrevivia, já que estava condicionada pela mentalidade burguesa, por meios culturais que não propiciava seu desenvolvimento crítico, ao contrário: iludiam-na; pela ociosidade; e pela fragilidade de sua própria natureza, pois era considerada intelectualmente inferior ao homem, fisicamente frágil e emocionalmente incapaz de equilibrar-se em situação de extremo perigo e dificuldades. E enquanto a sociedade cobrava dela, também, não lhe dava meios para lidar com diferentes situações que a vida sempre reserva; por exemplo: a existência de aproveitadores como o Basílio.

Entretanto, ela não é tratada inteiramente como inocente, pois também é alvo da ironia de Eça de Queirós; tendo sido punida, enquanto o homem permanece incoseqüente; classificamos isso como postura pessimista do autor em relação aos fatos sociais, mesmo porque era a sua ambição pintar a realidade e criticar a sociedade de sua época, de acordo com os princípios anárquicos da escola realista.

Ao considerarmos os estudos mencionados neste artigo e as nossas abordagens, entendemos que é preciso considerar, ainda, fatores invariáveis como a natureza humana além da cultura sentimental, romântica e excludente. Desse modo, o adultério, tratado por Eça de Queirós, representaria não somente um resultado das condições sociais e educativas, num meio ocioso, corrupto e hipócrita, mas também (talvez principalmente), a representação de um resultado inevitável, ligado à essência da natureza ‘caída’ do homem, bem como à falta de cristianismo e de consciência moral; talvez, também, por isso a teimosia do autor em focar muito a ‘sensação física’ das personagens, que foi alvo das reclamações de Machado de Assis; e que, entretanto, fazia parte do ‘processo’ realista de Eça de Queirós.

Os personagens retratados pelo autor são verdadeiros pecadores, bem diferentes daqueles trabalhados pelo romantismo que, aliás, nada se parecem com a realidade.

O adultério na sociedade é um fato que se estende desde as civilizações mais antigas até hoje; embora se possa verificar que os tempos mudaram, as condições sociais se alteraram, a mulher atual não é tão parecida com a de outrora senão na sua essência. Da mesma forma, o homem. Ao tratar de um tema polêmico e sempre atual como o adultério, sem dúvida, Eça de Queirós foi um realista convicto.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. **O Primo Basílio de Eça de Queirós**: Crítica de Machado de Assis. Cruzeiro: Rio de Janeiro, abril de 1878. Disponível em <http://fredb.sites.uol.com.br/primo.html>. Acesso em 15/09/2007.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. **Leituras de Luisa**. ANAIS do III Encontro Internacional de Queirosianos: 150 anos com Eça de Queirós. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses – USP, 1997.

CASSOL, Vera Fátima Gobbi. **O Público e o Privado nas Obras**: O Primo Basílio e o Crime do Padre Amaro. *Ágora – Revista Eletrônica*, Rio Grande do Sul; n.2, junho de 2006. Disponível em <http://www.ceedo.com.br/agora/94verafgcassoloprimobasilio.pdf>. Acesso em 10/10/2007.

CASTRO, Helena de Fátima Gonçalves. **Emancipação da Mulher e Regeneração Social Segundo Lopes Praça**: Lisboa, 2000, 246p. Dissertação (Mestrado em Filosofia de Expressão Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. In: *As Mulheres na Família: O Adultério*, p.62 a 66. Disponível em www.google.com.br/criticanarede.com/teses/lopespraça.pdf. Acesso em 27/09/2007.

DANTAS, Francisco José costa. **A mulher no Romance de Eça de Queirós** _ São Cristóvão, SE: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

DUARTE, Maria do Rosário da Cunha. **A Inscrição da Leitura na Ficção Queirosiana**: O Primo Basílio. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos: 150 anos com Eça de Queirós. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses – USP, 1997.

JESUS, Maria Saraiva de. **Alguns Estereótipos sobre a mulher na Segunda Metade do Século XIX**, in: *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanas*; v. 1, Porto, 1998.

LUZES, Pedro. **A Vida Erótica de Eça de Queirós e a crise de 1878**. ANAIS do III Encontro Internacional de Queirosianos: 150 anos com Eça de Queirós. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses – USP, 1997.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa Através dos Textos**. 25ª. São Paulo: Cultrix, 1928.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Portuguesa**. 33ª. São Paulo: Cultrix, 2005.

QUEIRÓS, Eça de. **O Primo Basílio**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

QUEIRÓS, Eça de. **O Primo Basílio**. Chile: Klick, 1997.